

O setorizado dá lugar ao abrangente *

14 JUN 1991

CORREIO BRAZILIENSE

Augusto Marzagão

Nenhum outro choque causou mais surpresa, perplexidade, esperança, que o Plano Cruzado, em 1986.

Mas quatro anos depois, a nova equipe empossada em 1990, com o novo Governo, eleito diretamente, com aval da sociedade, ligou as tomadas e deu outro choque. Esse choque da equipe recentemente desligada do Governo inovou com o congelamento da poupança popular, amplamente contestada judicialmente e considerada cruel em muitos casos, deflagrou sentimentos de exasperação, confusão, revolta, inconformismo. Enquanto o Cruzado criava "sãs" esperanças, a perplexidade tomou conta da população, empresários e trabalhadores diante das constantes intervenções autoritárias de economistas possuídos por uma santa e bíblica ingenuidade que os fez conceber soluções de prancheta e tabelas, mas desvinculadas da realidade política e sociológica do País.

Sem saudosismo ou irrealismo, vale lembrar que o Cruzado não causou nenhum sofrimento. Ao contrário: promoveu a maior distribuição de renda da História do Brasil. Imediatistas que somos por índole, o Brasil usufruiu o momento, e durante um ano o povo foi feliz, bem feliz. Afinal, não é este o fim maior do governante: fazer o povo feliz?

Intervenção em contas bancárias, desorganização da economia, sistema habitacional etc., confrontos permanentes com o Legislativo e o Judiciário, tudo isso para nada? Será que foi vão o sacrifício? Parece que a inflação dá mostras de vitalidade nas cinzas

de índices negros, alegre vivace para os dois dígitos, a recessão se agrava, o desemprego aumenta, cai o PIB preocupantemente.

Obcecados pelo controle da inflação, os então jovens economistas equivocadamente bloquearam total e gravemente o financiamento à produção agrícola, esquecendo que plantio tem prazo e que o poder do governante, por maior que seja e mais popular, ainda não é capaz de fazer chover, de adubar, de semear, de irrigar, de fazer colher e de deslocar a estação chuvosa de um para outro semestre.

Resultado: comprometimento da safra agrícola. Nós, que vínhamos de várias supersafras em 1987, 1988, 1989... Hoje, despendemos divisas com importação de alimentos americanos subsidiados, com o mesmo subsídio que negamos aos nossos agricultores. Dá para entender?

O carro-chefe do capitalismo, os Estados Unidos, as modernas democracias européias e a grande maioria das nações prósperas financiam e subsidiam a agricultura, atividade de alto risco e sempre sujeita à incerteza do tempo. Vimos o Ministério da Agricultura alertar para essa questão, mas foi encurralado por uma equipe obstinada em seu propósito de provar teorias antiinflacionárias que decididamente não combinam com a prática. Pelo menos no Brasil. Muita gente ainda não quer entender que inflação é consequência e não causa.

A propósito, lembro a observação de um empresário japonês, sobre a inflação no Brasil. Em princípios de 1990, quando os índices beiravam os 60 por cento, paradoxalmente vivia-

mos o pleno-emprego, havia filas nos aeroportos, as populações de baixa renda tinham acesso ao consumo, a economia funcionava (bem ou mal), produzia-se riqueza. E ele dizia que não entendia isso, que tudo tinha de ser estudado como um caso *sui generis*.

Hoje, a escalada inflacionária bate à porta de um país empobrecido pela recessão planejada, deprimido pelo desemprego e pelo aperto salarial racionalizado.

Mas, premiado pelos fatos, o distanciamiento olímpico de ontem de alguns setores do Governo cede lugar a uma busca de resultados, seja no campo político — retorno ao diálogo com o Congresso, lideranças sindicais e governadores —, seja no campo econômico, com a substituição de uma equipe predominantemente técnica por outra, humanista e também com conhecimento técnico.

Concluiu-se, ainda que a preço sem cálculo, a fase de açodamento, de teimosia. É a vez de outros profissionais de gente passada na casca do alho, homens e mulheres que sabem que prudência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, e que nada é um detalhe. E, para não sair da cultura popular, é hora de salvar os móveis.

Está na ordem do dia o velho jargão segundo o qual economia é coisa muito séria para ser tratada por técnicos sem sensibilidade política e social.

■ Augusto Marzagão é jornalista e especialista em comunicação

* Republicado por ter sido editado com incorreções.